

I

Meu coração, esta noite, fez dos anjos
cantores que se recordam...
Uma voz, quase integralmente sobreposta à minha,
atraída por este excesso de silêncio,

eleva-se e decide
nunca mais voltar à minha;
dulcíssima e intrépida,
com quem se vai ela encontrar?

2

Candeeiro da noite, meu tão sereno confidente,
que nunca me puseste a nu o coração;
(talvez essa nudez nos perdesse); mas o declive
da vertente sul ficou ligeiramente iluminado.

Permaneces, ó candeeiro de estudante,
quem faz o leitor, de tempos a tempos,
parar, admirado, e perturbar-se
com o seu livro, olhando-te.

(Tua simplicidade até pode diluir um Anjo.)

3

Não te movas se, de repente,
o Anjo se sinta, à tua mesa;
alisa, com vagar, os breves vincos
que a toalha faz, debaixo do teu pão.

Convida-o para a modesta refeição,
que também ele lhe saboreie o gosto,
e possa levar aos lábios impolutos
um pobre copo de uso quotidiano.

4

Quantas vezes não chegaram a uma flor
misteriosas confidências
para que balança de tão exacta obediência
nos pese o peso exacto do ardor.

Os astros, ao contacto das nossas
penas, tornam-se confusos.
E — do mais vibrante ao mais frágil — ,
nenhum suporta mais

o nosso humor variável,
a nossa revolta, os nossos gritos — ,
com excepção da mesa infatigável
e do leito (que se embebe do nosso cansaço).

5

Tudo aproximadamente se passa
como se censurássemos à maçã
ser um fruto bom para comer.
Mas há ainda outros perigos.

O de a deixar na árvore,
o de a esculpir em mármore,
e o último, o pior de todos:
querer-lhe mal pela sua textura de cera.